

## **IDENTIDADE E MEMÓRIA DO CARIRI CEARENSE NAS PÁGINAS DE “ITAYTERA” (1955-1970)**

Jane Semeão<sup>1</sup>

URCA

janesemeao@globo.com

José Cláudio Leôncio Gonçalves<sup>2</sup>

URCA

imperadorclaudio@yahoo.com.br

Aos quatro dias do mês de outubro de 1953 é criado no Crato o Instituto Cultural do Cariri (ICC), sociedade civil que, segundo seus fundadores, “tem por finalidade o estudo das ciências, letras e artes em geral, e especialmente da História e da Geografia Política do Cariri”<sup>3</sup>. Seus idealizadores, em sua maioria representantes da elite intelectual cratense e de destaque no panorama político da cidade, congregaram forças e ações em torno do projeto de (re)pensar o Cariri a partir de idéias e ideais almejados de elevação cultural, intelectual e econômica da região. Ao assim procederem, colocavam em circulação discursos e imagens que atribuíam a esse espaço e seus habitantes determinados sentidos, significados, que tanto objetivavam construir uma diferenciação quanto uma identificação geográfica, cultural e histórica da região em relação ao restante do Ceará e mesmo do Nordeste.

O ano de 1955 representou um grande marco nas ações empreendidas pelos intelectuais congregados em torno do ICC e seu projeto de “alevantamento moral, intelectual e material da região dentro do estado, da nação e mesmo da humanidade” (ITAYTERA, 1956, p.01) com a publicação do primeiro número da revista *Itaytera*. Apesar dos idealizadores do Instituto terem eleito uma série de medidas para atingir tal objetivo, a referida revista, que “nasce com programa definido: o da defesa intransigente da região caririense” (Idem, 1955, p.02), tornou-se o principal veículo divulgador e propagador desse projeto.

Publicada anualmente, *Itaytera* circulou, graças aos esforços de sócios e colaboradores, por quase cinco decênios como porta-voz dos desejos e anseios dos membros daquela instituição. Impressa na própria região e composta em sua quase totalidade por escritos de intelectuais locais (políticos, médicos, jornalistas, artistas, literatos, historiadores e representantes da Igreja Católica), sócios ou não do ICC, a revista, classificada por seus organizadores como de “caráter cultural”, surgiu como

idéia dentro do próprio projeto de criação do Instituto. Ao analisarmos seus Estatutos, observamos que dentre as ações propostas por seus acadêmicos como forma de cumprir os fins a que se destinou está justamente a criação de uma revista “em que se publiquem trabalhos dos sócios e colaborações de estranhos” (ITAYERA, 1955, p. 181)<sup>4</sup>. Em relatório publicado no primeiro número da revista divulgando os assuntos debatidos pelos sócios do ICC em suas reuniões e as medidas tomadas no ano de 1954, ela aparece como destaque e nome já definido (ITAYTERA, 1955, p.167).

Antes mesmo de sua materialização, portanto, a revista pré-figurava como importante mecanismo no programa do ICC para a consolidação de seus objetivos concernentes “a valorização do cariri”. Nesse sentido, não apenas seus colaboradores eram filhos da região como os assuntos tratados se relacionavam diretamente aos propósitos que nortearam a criação do Instituto, o do “estudo das ciências, letras e artes em geral” com acento especial na história e política do Cariri. Embora dividindo espaço com outros impressos, entre jornais e revistas durante a época aqui abordada, *Itaytera* se firmou como *locus* primordial na promoção, construção e divulgação de discursos e imagens sobre a região expressando as percepções de seus filhos ilustres que marcaram a constituição de uma determinada memória e identidade caririense. Nesse mesmo movimento a revista é tornada, ela própria, lugar de memória.

## **ITAYTERA: IDENTIDADE E MEMÓRIA DO CARIRI**

Anterior a fundação do ICC, é necessário salientar, alguns intelectuais já acuravam seu olhar sobre a região, entre eles os dois grandes nomes do próprio Instituto, Irineu Pinheiro e José Alves de Figueiredo Filho. O Instituto, portanto, representou a consolidação de interesses, anseios e ideais que já circulavam e provocavam ações em torno do desejo de dar visibilidade ao Cariri a partir do que foi considerado como suas particularidades: natureza, cultura e história. Associados, esses “especialistas da produção cultural” (CORTEZ, 2000) e a sociedade civil em torno da qual se agremiaram assumiram papel fundamental na (re)construção e legitimação de discursos e imagens atribuidores de significados para o Cariri. Esse projeto pode ser percebido tanto nas finalidades propostas pelos sócios do Instituto e nas ações programadas para cumpri-las<sup>5</sup>, como nos discursos veiculados por seu “órgão” ao longo

de décadas. A apresentação do primeiro número de Itaytera, escrita por José de Figueiredo Filho<sup>6</sup>, em que deixa claro o caráter da revista, traduz muito bem esse projeto:

Itaytera nasce com programa definido. O da defesa intransigente da região caririense. Lutará com empecilhos múltiplos, mas saberá vencê-los, pois conta com o apoio firme e decidido das figuras que integram os quadros de Instituto Cultural do Cariri, sediado em Crato (ITAYTERA, 1955, p.01).

E para aqueles que criticavam o “programa estritamente regionalista” do Instituto traduzido na revista:

Isso não nos molesta [...] Cremos, no entanto, que estamos dentro de nosso verdadeiro papel. Representamos célula da nacionalidade e antes de encarmos o todo, preocupamo-nos com a pequena parcela que nos toca. Há muitas penas brilhantes que trabalham a serviço do litoral e dos grandes centros urbanos. O pouco de inteligência que temos e o muito esforço e boa vontade que possuímos, queremos dedicá-los, quase que totalmente, à terra sofredora, sempre desprezada no passado e agora em franco progresso pela iniciativa dos próprios filhos (ITAYTERA, 1957, p.01).

Percebemos nas citações acima que há uma inversão do projeto que guiou a integração do Ceará a uma idéia de nação no século XIX. Diferentemente do que ocorreu naquele período, em que as particularidades regionais e territoriais foram submetidas e domesticadas a uma preocupação com o conjunto, com o todo (a Nação), os acadêmicos do ICC se propuseram a pensar em primeiro lugar o particular, conclamando pela “valorização do Cariri” como parte de um projeto maior de luta pela “valorização do interior”. As justificativas para empreendimento de tamanha envergadura eram: combater o progresso que adentrava pelo interior ameaçando tradições culturais e costumes que representavam “as verdadeiras raízes da nacionalidade” (passado ameaçado pelo presente) - provocando, paralelamente, o desajustamento moral da sociedade -, e a desigualdade de desenvolvimento econômico, político, social e educacional em relação ao litoral, sempre beneficiado por investimentos públicos e privados em detrimento do interior.

Podemos observar essa preocupação, por exemplo, em 1957 quando do ressurgimento da idéia de construção do Estado do Cariri<sup>7</sup> em que J. de Lindemberg de Aquino, sócio do ICC, na revista Itaytera defendeu não a separação mas o que ele chamou de “regionalismo”. De acordo com o intelectual, apesar de “não termos uma

elite verdadeiramente regionalista”, crescia as manifestações pela valorização do Cariri e do homem caririense frente ao litoral no sentido de “acabarmos com o abandono em que vive a nossa região”<sup>8</sup>. Aponta então o autor realizações como o ICC e a revista *Itaytera* “marcos avançados no sentido da valorização a que me refiro, porque, aqui, sobretudo, vêm moldando uma mentalidade regionalista de grande envergadura. Se a marcha das cousas continuar assim, dentro de 10 anos, no mínimo, já terá o Cariri um aspecto social muito diferente”. Nesse movimento de defesa do interior por sua “vitalização” material, cultural e intelectual, acreditavam os fundadores do Instituto e da revista ser o “Crato e o Cariri, pelas suas reservas acumuladas em duras pelepas cívicas e sacrifícios [...], bem aparelhados para tomar posição na vanguarda dessa luta para a valorização do interior” (ITAYTERA, 1956, p. 02).

Esse discurso regionalista defendido pelos intelectuais está expresso no próprio nome dado a revista pelo então vice-presidente do ICC, Pe. Antonio Gomes de Araújo, e justificado logo na capa do primeiro número:

È uma corrução visível (Batateira) do termo Itaytera, pelo qual os tupis designaram o maior e mais belo manancial do Araripe, e que se decompõe do seguinte modo: **Ita**, pedra, **Y** ou Yg, água, **têra**, por entre, isto é, água que corre, precipitando-se por entre pedras (Itaytera, 1955).

Trazendo para primeiro plano um dos elementos de destaque na diferenciação do Cariri em relação ao restante do Ceará e Estados vizinhos, a chapada Araripe com sua natureza e clima generosos, e recuperando a denominação indígena para o rio, anunciaram seus organizadores já no batismo da revista o projeto a ser defendido. Embora existam algumas discordâncias quanto ao significado da palavra, houve quem traduzisse por “rio cuja água mana de pedra” ou “pedra d’água”, a opção por um “símbolo da pujança da natureza caririense” (ITAYTERA, 1955, p.02) representou o esforço e desejo dos membros do ICC em trabalhar pelo engrandecimento e destaque da região. A denominação se transformou em metáfora para se referir a intelectualidade local, pois se o rio ao banhar o vale do Batateira tornava mais fértil, mais fecunda essa parcela de terra em relação ao restante do Cariri, a revista representaria o húmus que alimentaria com a cultura de seus intelectuais a região. Se o rio era a imagem da “pujança da natureza caririense”, “Itaytera é o símbolo da opulência intelectual do Cariri” (ITAYTERA, 1956, p.112).

O projeto de valorizar e dar visibilidade à região se estendeu também para sua capa, entre os anos de 1958 e 1964 seus organizadores passaram a publicar reproduções de trabalhos de artistas caririenses e, a partir de 1967<sup>9</sup>, trechos de escritos que se referiam à história local. Apesar das poucas informações fornecidas sobre as imagens, normalmente era destacado apenas o nome do(a) autor(a), interessante observar que em sua grande maioria elas nos remetem a aspectos da história e cultura da região. As capas das revistas dos anos 1958 e 1959, por exemplo, trazem xilogravuras do conhecido artista cratense Sérvulo Esmeraldo, à época residindo em São Paulo e sócio correspondente do ICC, sendo essa forma de expressão artística uma das mais características da região. Outro cratense e sócio do Instituto, Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa, também teve uma obra de sua autoria estampada na revista de 1961 (Ano VII, N<sup>o</sup> 7), em que uma cena do cotidiano interiorano é reproduzida ao retratar um homem com seu chapéu (de palha ou couro) carregando água numa cangalha e uma mulher que leva algo sobre sua cabeça.

Por sua vez a revista de número 9, que corresponde aos anos de 1963-1964, traz em sua capa o Brasão das Armas do Crato (criado em 1955) repleto de simbolismos sobre a história da cidade: a cruz no centro representando a Igreja, os pendões de cana de açúcar envolvendo os dois lados do brasão numa alusão à sua principal atividade econômica, a data de elevação do Crato à categoria de cidade (1853), um arco-íris sobre a cruz como lembrança do movimento republicano pernambucano de 1817, entre outros. A única imagem que não traz referências à região é a reprodução do desenho do açude do condado de Pio Nono no Piauí feito por Zuleika Pequeno de Figueiredo, esposa do presidente da agremiação, na revista de 1961 (Ano VI, N<sup>o</sup> 6).

De 1967 em diante os organizadores da revista fizeram a opção por excertos de livros, de discursos pronunciados por autoridades locais ou de outros lugares em defesa da região e dos projetos políticos de sua elite, de reverência aos seus intelectuais ou a suas obras e de documentos relacionados a aspectos históricos do Crato e do Cariri ao invés das reproduções de imagens visuais<sup>10</sup>.

Olhando para dentro da revista, que circulava com cerca de duzentas folhas<sup>11</sup>, percebemos que ela não obedecia a nenhum critério lógico de distribuição dos assuntos, nem mesmo por ordem alfabética. Literatura, biografias, ciência, arte, política, cultura, história, geografia, discursos e notas se misturam de maneira anárquica ao longo de suas

páginas, constituindo-se uma de suas principais características. A única ordem é a estabelecida pelo índice, que localiza para o leitor a página em que se encontra cada matéria. A opção por abordar assuntos os mais diversos materializava de alguma forma as finalidades propostas para o próprio ICC, o de estudar e projetar a região a partir dos campos da arte, ciência e cultura com acento na história e geografia política do Cariri. Essa espécie de “olhar total” sobre a região denota o quanto o esforço por sua valorização só seria possível se todos unissem suas capacidades e competências em prol de tal projeto. A revista, nesse sentido, se configurou em espaço importante de reunião para aqueles que abraçaram essa empreitada, representando “a voz da terra que conchama a todos para o trabalho de seu engrandecimento” (ITAYTERA, 1956, p.01).

Seguindo a advertência de Chartier (1990, p.127) de que “[...] é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja ele, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”, é que podemos entender as estratégias de apresentação da revista como meio não só de sugestão de leitura, de “antecipações de compreensão”, como também de construção de significados sobre a região e de uma suposta memória e identidade caririense. Essa construção, como indicamos, se deu a partir de referências históricas, políticas, da natureza, artísticas e culturais tanto herdadas quanto experienciadas e praticadas por seus construtores. Como afirma Durval Muniz (2008, p.222):

O discurso regionalista não é emitido a partir de uma região objetivamente exterior a si, seja esta pensada como um recorte geográfico já dado, seja pensada como produto da regionalização do espaço nas esferas econômicas ou políticas. É na sua própria locução que esta região é encenada, produzida e pressuposta. Ela é parte da topografia do discurso, de sua instituição. Todo discurso precisa medir e marcar um espaço de onde se enuncia. Antes de inventar o regionalismo, a região é produto deste discurso. Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes momentos, com diferentes estilos e não pensá-la como uma homogeneidade, uma identidade definida a priori.

Dessa forma, concordamos que a região não deve ser entendida como algo exterior aos sujeitos que a habitam, portadora de uma essência, mas como “uma espacialidade que está sujeita, pois, ao movimento pendular de construção/destruição, contrariando a imagem de eternidade que sempre se associa ao espaço” (Idem).

Interessante observar que, apesar da proposta de ser expressão regional, os responsáveis por *Itaytera* deram prioridade em suas páginas à cidade do Crato em detrimento das demais que compõem o Cariri. Poderíamos tentar explicar esse traço da revista pelo fato do ICC ter sido fundado no Crato e aqui ter sua sede e de boa parte de seus sócios serem de famílias cratenses tradicionais, mas não seria o suficiente.

Analisando a construção cultural da idéia do Crato como “cidade da cultura”, cuja gênese, segundo Otonite Cortez, pode ser localizada nos “acontecimentos sócio-religiosos” ocorridos em Juazeiro do Norte a partir de 1889 envolvendo Padre Cícero e a beata Maria de Araújo (a transformação da hóstia em sangue), a autora, ao recuperar a historicidade dessa construção, evidencia que desde a segunda metade do século XIX o “Crato se propunha ser o núcleo disseminador de um projeto civilizador para a região do Cariri”. As justificativas se ancoravam no fato da cidade ter “o espaço mais povoado e de maior projeção na região”, quanto por “ser o local onde se concentrou o maior número de intelectuais” (CORTEZ, 2000, p.19). Ainda de acordo com a autora, “os esforços de intelectuais, políticos, religiosos e capitalistas, consubstanciaram-se também na lógica do contraste em relação a Juazeiro do Norte, orientando a produção simbólica do Crato na região através da valorização de uma cultura letrada e da reprodução dos padrões de condutas civilizadas para homens e mulheres” (Idem, p.14).

Nessa relação de contraste, Juazeiro como local de credices, de fanatismo religioso e Crato como lugar de civilidade, é que se congregaram esforços no sentido de construção de uma identidade cratense por parte de sua elite política, intelectual e econômica. Os organizadores do ICC, pois, são herdeiros dessa tradição racionalizadora e civilizadora que procurava colocar o Crato em posição de destaque em relação aos outros municípios do Cariri. Compreende-se, portanto, porque o Crato e o ICC se constituíram em lugares a partir de onde seria possível pensar um projeto de modernidade e progresso para a região. Para tanto, era preciso somar energias não só para construir uma identidade e memória cratense mas também caririense. “No decorrer de tal engenho”, como nos fala Roberto Marques, “a memória da cidade do Crato se confunde com a memória do Cariri, numa constante disputa entre as lideranças locais para constituir-se como memória hegemônica da região que aos poucos vai se inventando” (MARQUES, 2004, p.59).

Além do conteúdo da revista, o nome a ela atribuído (*Itaytera* é denominação dada pelos índios cariris ao rio que banha terras cratenses), as obras reproduzidas nas capas de alguns de seus números (todas de autoria de filhos da cidade) e os trechos de escritos que passaram a compor a capa da revista são também representativos dessa ação e, nessa perspectiva, construtores de sentidos. A própria materialidade da revista, portanto, se transmuta em discurso imagético que vai ao encontro dos desejos e anseios dos “especialistas da produção cultural” na construção e divulgação de uma memória identitária cratense que se quer caririense e portadora da verdadeira face da região e de seus habitantes. Nessa configuração, assume a revista *Itaytera* importante função política e cultural na promoção de uma unidade imagética e discursiva sobre o Cariri tanto aqui quanto alhures<sup>12</sup>:

O coração, no entanto, de todo o Instituto Cultural do Cariri é a revista ITAYTERA que entra agora em seu sétimo ano. É a força propulsora de nosso movimento cultural, que dificilmente, nesse particular, encontra outro lugar que supere Crato em toda a interlândia nordestina. São as páginas da revista que atraem as simpatias unânimes para as realizações do Instituto (ITAYTERA, 1961, n<sup>o</sup> VII, p.2).

Ao eleger e relatar determinados acontecimentos históricos, dedicar números comemorativos a fatos e personagens de destaque da região, promover a vitalização do folclore, enfatizar as particularidades da natureza, publicar poesias de exaltação à terra e resultados de pesquisas históricas e genealógicas, por exemplo, buscavam os artistas e intelectuais reunidos em torno do ICC e da revista *Itaytera*, especialmente cratenses, tecer, a partir de elementos que seriam comuns a todos e que ligassem seu presente ao passado, uma memória e identidade caririense. Nesse sentido, teve a revista não apenas um papel ativo para a realização desses objetivos como se constituiu, ela própria, em lugar de memória. Abordar aspectos da história (índios cariris, 1817, 1824, 1853, por exemplo), da natureza (Chapada Araripe) e da cultura (bandas cabaçais, reisados, cordel, artesanato etc) em suas páginas era também uma forma de fazer recordar o passado procurando preservar no presente e futuro costumes e tradições ameaçados pelo progresso.

Em interessante matéria escrita na *Itaytera* por J. de Figueiredo Filho sobre as bandas cabaçais do Cariri, é perceptível essa luta pelo não esquecimento do passado e de suas tradições quando o autor, em tom de aclamação, diz que:

O progresso não deve eliminá-la da paisagem pitoresca da terra caririense. As festas da Padroeira e as comemorações do Dia do Município, de cada localidade, devem trazer para a rua e praças as bandas de couro de seus sítios. Não é prova de matutice e de atraso. É o Brasil do interior que precisa ser conhecido, com o seu rico folclore, forjado neste caldeamento de três raças diversas, cada qual com seus costumes e hábitos que aqui se fundiram tão harmonicamente. A Banda Cabaçal é expressão de arte do povo. Mostra que a nossa gente tem sua música, que nasceu, desde os primórdios da colonização (ITAYTERA, 1955, p.111)

O passado da colonização, lugar do “caldeamento das “três raças”, é onde estaria a origem das “coisas e costumes do Cariri”. Forjadas em tempos de lutas, glórias e sofrimentos, as manifestações populares representavam a autenticidade da cultura da região. Trazer o passado para dentro da revista e relatá-lo numa linha de continuidade e causalidade até o presente, garantia para seus contemporâneos e futuras gerações a possibilidade de espantar a ameaça do esquecimento. Números com matérias especiais dedicados a momentos marcantes da história do Cariri, a comemorações de datas cívicas e de aniversário de morte de personagens ilustres no cenário caririense faziam de *Itaytera* um lugar de recordação. E não apenas o passado da região merecia destaque, o próprio presente já padecia desse mal provocado pela voracidade do tempo. Por isso, para que os fatos recentes não se perdessem, a revista procedia também ao seu recolhimento e registro como aconteceu quando do retorno da questão da criação do Estado do Cariri:

“Itaytera” cometeria uma deselegância – senão um erro – se deixasse de incorporar a atual campanha pela criação do Estado do Cariri no registro dos fatos históricos da região, posto que a história não tem fronteiras entre grupos, sejam eles políticos, sociais ou religiosos. Fazendo-o, esta revista cumpre apenas uma das principais finalidade da instituição de que é órgão (ITAYTERA, 1957, p.176).

A revista serviu também como lugar de memória para o próprio Instituto, uma vez que seus organizadores registravam em suas páginas as atividades realizadas por aquela instituição. Mais do que uma prestação de contas, essa ação buscava fixar e conservar na história e memória da cidade um lugar de importância para seus sócios entre as instituições e àqueles que também lutaram no passado pela prosperidade da região.

Por sua importância na história do Crato e do Cariri, pois, *Itaytera* se constitui em espaço privilegiado para pensarmos o processo de (re)invenção de uma memória e

identidade caririense que, a partir da promoção dos intelectuais ligados ao Instituto Cultural do Cariri, propagou-se fortemente ressoando ainda hoje.

<sup>1</sup> Professora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri e orientadora do projeto de Iniciação Científica (PIBIC-URCA) “O Instituto Cultural do Cariri e a (re)construção do espaço caririense (1950-1970)”, do qual esse texto é resultado.

<sup>2</sup> Graduado do Curso de História da Universidade Regional do Cariri e bolsista PIBIC-URCA.

<sup>3</sup> “Ata da Sessão de Fundação e Instalação do Instituto Cultural do Cariri e de eleição de sua primeira diretoria”. *Itaytera*. Crato: Tipografia Imperial, 1955, n. 01, p. 179.

<sup>4</sup> Tendo em vista tal objetivo, além das comissões de “Sindicância e Finanças” e “Ciências, Letras e Artes”, foi instituída a “Comissão de Organização da Revista” que tinha como competência: “a) organizar e publicar a Revista do Instituto; b) catalogar todos os documentos manuscritos pertencentes à Revista, cujos originais serão arquivados na Biblioteca do Instituto”. *Idem*, p. 185.

<sup>5</sup> Objetivando cumprir os fins a que se destinou, o ICC manteria e promoveria: a) intercâmbio cultural com instituições congêneres, científicas e literárias, nacionais e estrangeiras; b) uma Revista, em que se publiquem trabalhos dos sócios e colaborações de estranhos; c) uma biblioteca e arquivo em que se guardem e relacionem os papéis, livros, documentos, cartas geográficas, autógrafos, etc., obtidos pela Sociedade ou a ela oferecidos; d) um museu regional; e) o culto, por meio de comemorações adequadas, dos feitos de nossa história, especialmente do Cariri; f) a restauração e a conservação de arquivos públicos e particulares, de símbolos e monumentos de qualquer natureza ligados à história, existentes no cariri e o estudo dos antigos usos, costumes e tradições regionais (ITAYTERA, 1955, p.183).

<sup>6</sup> José de Figueiredo Filho foi sócio-fundador do ICC e diretor da revista *Itaytera* enquanto esteve na presidência do Instituto, de 1955 a 1974 (ano de sua morte). Foi um dos grandes nomes da intelectualidade cratense com vários livros e textos publicados em revistas e jornais do Ceará e outros Estados.

<sup>7</sup> O desejo de se separar do litoral não era novo. No século XIX os liberais cratenses propuseram a criação da Província do Cariri, que compreenderia porções de terras do Ceará e estados vizinhos e que teria como sede política-administrativa a cidade do Crato (CORTEZ, 2000, p. 25-31).

<sup>8</sup> De acordo com o autor, por suas condições econômicas o Cariri não deveria mais ser tão dependente da capital: “Aí é o ponto nevrálgico da questão. Aí é que se impõe a campanha de valorização do Cariri, que em todas as nossas cidades vem ganhando tantos adeptos [...] Porque no Cariri acontece o contrário que se dá no País. O Sul do País é mais favorecido, enquanto o norte agoniza ou tem o seu progresso emperrado. O caso local é o contrário, pois o norte do Estado se agiganta em realizações enquanto marchamos ainda às tontas, enfrentando toda espécie de inimigos do progresso e da vitalização econômica, social, política e intelectual da zona [...] moldemos a nossa mentalidade ao sabor unicamente dos interesses e da nossa valorização comum (ITAYTERA, 1957, p.187-188).

<sup>9</sup> A revista de nº 10, que corresponde aos anos de 1965-1966, está sem a capa original, o que não nos permitiu saber se havia alguma reprodução de imagem ou texto. Também não foi localizada a revista referente ao ano de 1962.

<sup>10</sup> Citamos como exemplo: “1817, 3 DE MAIO – Neste dia subiu ao púlpito na matriz do Crato, revestido de batina e roquete, o diácono José Martiniano de Alencar, emissário do govêrno revolucionário de Pernambuco, e proclamou nossa independência e república, lendo o “Preciso” de Mendonça”. EFEMÉRIDES DO CARIRI – Irineu Pinheiro. (ITAYTERA, 1967); “CRATO - cidade alegre e movimentada, de ruas limpas e traçadas regularmente, praças ajardinadas, bem iluminada, de convívio fino e elevado, merece sem favor, o título heráldico de Princesa do cariri” (Dicionário Geográfico e Histórico do ceará, pág. 446 – Renato Braga). (ITAYTERA, 1968).

<sup>11</sup> Algumas edições ultrapassaram esse número, como as de 1956 (270 páginas), 1957 (252 páginas), 1965/1966 (241 páginas), 1968 (249 páginas), 1969 (241 páginas), 1973 (210 páginas) e 1975 (243 páginas).

<sup>12</sup> Ainda não conseguimos averiguar a tiragem da revista, mas sabemos que ela era distribuída para várias instituições de cultura tanto no Ceará quanto em outros Estados e até mesmo para fora do país (como para a Biblioteca do Congresso de Washington, a Biblioteca Pública de Nova York e a The General Library of

---

California). Seus organizadores também não perdiam a oportunidade de publicar cartas de agradecimento pelo envio da revista nem de elogios a ela endereçados por pessoas de destaque no cenário nacional.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira. História, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

\_\_\_\_\_. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2ª Ed. 1996

CHARTIER, Roger. *História cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”: Crato (1889-1960)*. Rio de Janeiro, 2000, Dissertação de Mestrado.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Vendo o passado: representação e escrita da história. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v.15, n.2, p.11-30, jul-dez. 2007.

LE GOFF, Jacques. História. In: *História e memória*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1994.

MARQUES, Roberto. Contracultura, tradição e oralidade. (Re)inventando o sertão nordestino na década de 70. São Paulo: Annablume, 2004.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo, Rev. Projeto História/PUC, vol.10, 1993.

OLIVEIRA, Almir Leal de. O cariri na cultura histórica do XIX. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al. *História da educação – vitrais da memória. Lugares, imagens e práticas culturais*. Fortaleza: Ed. UFC, 2008, p.418-431.